



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

A HISTÓRIA NA (DES) CONSTRUÇÃO DO ENSINO DE GÊNERO E SEXUALIDADE.

Autora: Dilane Cavalcante de Oliveira

Universidade Federal do Estado do Pará - UFPA, cavalcantedilane@gmail.com

Resumo: O ensino de gênero e sexualidade perpassa diversas áreas de desenvolvimento na historiografia, presentes em estudos de diversas áreas educacionais como sociologia, antropologia, filosofia e história, difundindo seu olhar para a sociedade e a cultura. Tratando da construção social, e o lugar do gênero feminino e sua sexualidade, seus comportamentos nos diversos conjuntos de socialização, sua submissão e invisibilidade, desta maneira, trataremos de que modo essa construção social permeia negativamente essas relações, buscando no ensino de História, a interação de debates, a participação do docente, mediando e promovendo a construção do desenvolvimento, do pensar ideias de socialização, do conhecimento e respeito entre gêneros, alunos, professores e sociedade.

Palavras -chave: Gênero, Sexualidade, História, Ensino, Socialização.

Introdução

Diante do que aprendi, e com olhar que adquirir ao longo da minha vivência educacional, busco na minha base de aprendizagem a recordação sobre discursões de ensino de gênero e sexualidade, e percebo que essa presença feminina sempre esteve silenciada nos livros, não recorro de qualquer protagonismo de mulheres nas discussões em classe, longe disso, suas presenças sempre constaram como figurativas, sempre ofuscadas como a esposa, filha ou amante de grandes machos históricos. O que muito tempo sou como natural em minha mente, hoje desperta perplexidade: Por que nunca “instigava” por sua presença? Por que sua invisibilidade não me chocava? A dominação e o poder sobre seus corpos nunca questioneei? Mesmo eu possuindo consciência de que

mulheres sempre existiram, e que muitas ocupavam lugares importantes na sociedade?

Desta forma, o objetivo é entender a construção social que gerou essa ocultação em torno da mulher e sua sexualidade, estabelecendo a idealização de gênero fragilizado e ífero ao homem, pondo a sociedade sob o controle do patriarcado, que continua a ocultar, dominar, e violentar as mulheres, ocasionando por muito tempo, a construção da superioridade do homem, consolidando toda dominação, e controle da sexualidade feminina, por meios de socialização religiosa, econômica e política.

O ensino de história trará um rompimento as concepções estabelecidas sobre as desigualdades de gênero, possuindo papel de grande importância nas



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

problemáticas reveladas nos confrontos historiográficos, acerca de lacunas que estiveram nos ensinamentos, escolas e livros didáticos, oportunizando aos docentes a diligência em elementos que alcançam perspectivas diferentes das quais se dispõem o senso comum.

“Construção” da inferiorização da Mulher e sua sexualidade.

Por muito tempo, houve a repressão da sexualidade feminina, movidas por uma construção religiosa, econômica e cultural. De acordo com o Autor Emanuel Araújo na obra *A arte da sedução: Sexualidade feminina na colônia* (2017), a igreja teve um papel significativo na repressão e no adestramento da sexualidade feminina, fundamentada na superioridade masculina, representada ao macho, o Cristo no lar e a fêmea, a condenação eterna pelo erro de Eva. Deste modo, justificava a dominação do seu corpo e comportamento, vistos como perigosos, traiçoeiros e imperfeitos, tendo sempre a dominação e controle do homem (pai, esposo, irmão). (p.46)

Com ensinamentos diferenciados dos homens, a aprendizagem feminina restringia-se ao mínimo, ler, escrever, contar, coser e bordar,

revertendo este ensino a um preparatório de casamento, outro objeto de controle de sua sexualidade, vigiadas a todo o momento, suprida por completo seu desejo sexual, seu corpo deveria ser somente instrumento de procriação dos filhos. Controlada nos mais diversos aspectos, por uma sociedade misógina, que sobreviveu a séculos a subordinação feminina, socializada a superioridade do homem.

Michelle Perrot, no texto *Os silêncios do corpo da Mulher* (2003), discorre as formas e fundamentos deste silenciamento no decurso do tempo. Corpos usados como troféus, como suportes de publicidades, formas reduzidas ao silêncio mudo. (p.15)

Mesmo diante do uso de sua imagem, suas formas femininas, a censura é erguida ao que lhe pertence, seu prazer é negado e reprovado, estando sob o domínio do direito privado, do homem, permitindo-o o direito da “correção” as mulheres (esposa, filha e irmã), abusos sexuais tornavam-se obscuridades dos lares, protegidos pelos segredos de família, o pátrio poder e pelo medo de expor o que há de mais secreto, sua intimidade sexual. Assim para Perrot (2003),

este silêncio trata-se de um silêncio de longa duração, inscrito na construção do pensamento simbólico da diferença entre os sexos, mas reforçado ao longo do



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

tempo pelo discurso político. As representações do corpo feminino, tal como as desenvolve a filosofia grega por exemplo, assimilam-no a uma terra fria, seca, a uma zona passiva, que submete, reproduz, mas não cria; nem acontecimento nem história e do qual, conseqüentemente, nada há dizer. (p.20)

Deste modo, permitiu que por muito tempo na história não se tenha dito, nem produzido sobre o gênero feminino e sua sexualidade, tendo na base da historiografia o protagonismo histórico do homem, assemelhando-se a superioridade e poder do macho, controlando as camadas de poderes econômicos, políticos e religiosos, operando uma construção sociocultural da feminilidade, a submissão.

Socialização, no processo-ensino-aprendizagem.

Considerando um importante conceito de Vygotsky¹, as mudanças ocorrem no indivíduo fundamentadas nas bases da sociedade e da cultura, nas quais se permitiu as transformações através do tempo, manifestando o pensar no meio social, ressignificando a cultura no processo ensino-

aprendizagem. Este processo é a socialização, denominada pela Psicologia social, em que este sujeito, apresenta comportamentos de acordo com seu conjunto social, aprendendo normas, regras e mitos de relacionamentos, significando-o diante da aprendizagem e trocas de experiências.

A construção social da mulher, distinguiu o comportamento social do sexo feminino do aspecto biológico, transformando e modificando a imagem da mulher e do homem, elevando sua feminilidade a um falso mito de conformismo a sua subordinação, fundamental para a opressão das mulheres. Identificada por Simone Beauvoir (1967),

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (p.9)

Com estas bases, se busca na educação, o desenvolvimento do indivíduo, o novo olhar, compreende-se a importância de inserir

¹ Pensador importante em sua área e época, pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

a aprendizagem no saber antes adquirido, sua experiência posta no contexto cultural ligada a aprendizagem do mundo externo. A educação torna-se a peça principal criadora de estratégias no processo social sistemático da construção da humanidade. Assim, a escola torna-se um lugar de privilégios neste contato social, organizando e relacionando a percepção deste meio, desenvolvendo atitudes nas relações entre indivíduos e sociedade, na qual possibilita de forma sistemática, intencional e planejada, provocando no ambiente escolar análises nos processos de aprendizagem, do qual permitiu desenvolver resultados mentais, viabilizando novas concepções sociais.

Gênero, o surgimento e seus conceitos.

O conceito Gênero, se conectou a diversas áreas de estudos e conhecimentos, entre elas, a psicologia social, que ocasionou relação com o ensino de história, sociedade e cultura, determinados pelo processo de socialização, diante dos aspectos vividos neste meio, de modo que estabelece junção com as distinções circunstanciais socioculturais e históricas. Relacionando-se as diferenças sexuais, mas não necessariamente as diferenças fisiológicas como vemos em nossa sociedade, o gênero depende de como a

sociedade vê a relação que transforma um macho em homem e uma fêmea em mulher (STREY, P.182).

Essa definição teve diversas variantes, como na década de 1980, quando este termo “gênero buscou legitimidade acadêmica nos estudos feministas, em busca de nomeá-las, a inserirem como sujeitos históricos legítimos, fazendo que fossem vistas e referidas como o estudo do outro, independente de gênero masculino ou feminino. Para Scott (1995)

o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. (p.7)

À frente de diversos aspectos e definições no campo de pesquisa, a categoria gênero, ganhou visibilidade por distintas áreas da historiografia, tornando-se história de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

gênero, na qual surge os mais diversos interesses por debates e questões relacionando o tema a algumas disciplinas, ocorrendo a interdisciplinaridade do estudo de gênero.

História, uma transformação possível.

Diante do retrocesso que nos encontramos no processo-ensino-aprendizagem com a homologação da Resolução CNE/CP nº 02 de 22 de Dezembro de 2017, que suprimiu os termos Gênero e Orientação sexual, na BNCC- Base Nacional Comum Curricular do ensino Fundamental², alteração feita pelos conselheiros e acatada pelo MEC, percebe-se ainda maior o desafio na quebra de barreiras contra os preconceitos existentes desta natureza, desta forma a disciplina de História tem um grande papel na efetivação de ensinamentos que buscam revelar a presença das mulheres no controle de seus corpos, lutas e resistências, sob as diversas dominações masculinas, classistas, e religiosas, destacando seus protagonismos nas transformações sociais, como sujeitos históricos.

Nas últimas décadas, existiu diversos movimentos que efetivaram um novo direcionamento na busca do papel da mulher

na história, incluindo no processo historiográfico, com referências teórico-metodológico na base da história social. Surgidas na década de 1970, no qual sociólogas, antropólogas e historiadoras; em busca da participação das mulheres no cotidiano da vida social, identificadas em péssimas condições sob a opressão do patriarcado e capitalismo, tornando-as produtos das determinações econômicas e sociais. Reveladas a novos olhares, novas percepções do feminino próprio, na desconstrução dos conceitos tradicionais, ampliando a relevância da história do corpo e da sua sexualidade, inclusos aos anexos históricos, obtendo visibilidade no ensino e exteriormente a ele.

De acordo com a resolução CNE/CP 2/2017, artigo 14. IV, trata-se da BNCC do Ensino Fundamental, no qual diz respeito as competências as áreas de Ciências Humanas; abordo três competências;

(a). **Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de maneira que se exercite o respeito à diferença, em uma sociedade plural, além de promover os direitos humanos;**

(c). Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na

² Publicado no Diário Oficial da União, Brasília, 22 de dezembro de 2017, seção 1, pp.41 a 44.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de forma que participe efetivamente das dinâmicas da vida social, **exercitando a responsabilidade e o protagonismo**, voltados para o bem comum, e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;

(d). **Interpretar e expressar sentimentos**, crenças e dúvidas, com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, **promovendo, com isso, o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos** e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, **sem preconceitos de qualquer natureza**; (p.10).Grifos meu.

Dessa maneira, e a frente das possibilidades presentes, há competências da base curricular de história, ainda que relapsas, que permitirá a inserção de atividades sobre gênero e sexualidade, cumprindo a cronologia dos fatos, usando de instrumentos didáticos,

construindo um currículo inclusivo e sem preconceitos.

Livro didático e suas interlocuções no ensino.

O livro didático é um objeto importante de pesquisa para a educação no Brasil, entretanto, deve-se perceber a maneira que abordará os aspectos de gênero, sexualidade e suas representações, e buscar pela presença (ou ausência) destas figuras femininas, é necessária e fundamental, afim de possibilitar com uso deste livro, debates e reflexões neste ensino. Assim Mistura e Caimi (2015) afirmam, “O objeto (livro) amostral não esgota nem tampouco finda as possibilidades de investigação, neste sentido, que pode ser ampliado em diversas perspectivas e abordagens, tendo em vista importante relação entre a educação, o ensino de história no Brasil e as temáticas” (p.244).

Dessa forma, o livro didático nunca será a única base para o ensino, não podendo absolver a totalidade da história, de qualquer modo seu uso é necessário para as discussões que deverá percorrer pelo ensino, e as ausências que ele traz, permitirá a partir destas relações entender as consequências trágicas ao longo da história. Reconhecer que os



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mecanismos de produção de ensino, buscam sempre pela dominação e poder do homem, havendo necessidade de desenvolver atividades, debates a fim de ter novas compreensões sobre as omissões e “inexistências” do gênero feminino e a sexualidade.

Outro papel relevante, deve se encontrar, na escola associados a discentes, docentes e equipe técnica, no qual permitirá o processo ensino-aprendizagem, produzindo, praticando e analisando projetos pedagógicos, e estratégias de ações participativas e planejadas conjuntamente, permitindo integrar a sociedade as produções desenvolvidas em aula, reconhecidos no processo histórico.

Com relação a isto, Ferreira e Grisolio (2006) indagam:

Sobre o sentido de estudar história das mulheres: por que pesquisar sobre representação feminina nos livros didáticos? E a resposta é clara: principalmente para fazê-las existir perante a sociedade, para compreender os diferentes aspectos da cultura e sociedade de diferentes épocas; para incorporar mudanças e comportamentos que possibilitem a

construção de uma sociedade igualitária, não sexista, onde a mulher é vista como sujeito histórico e parte consistente desse processo e dessa História (p.80).

Como divulgador no ensino de história, o livro didático alcança um número elevado de leitores, para muitos a única fonte de conhecimento, por isso a importância de desenvolver problemáticas que buscará disseminar o conhecimento, inicialmente fundamentado por ele.

Conclusão

Consequentemente, a educação para o ensino de gênero e sexualidade, conquista espaços nos ensinos educacionais, no ensino superior tornasse componente curricular³ das licenciaturas em História, a exemplo, a Faculdade de História da Universidade Federal do Pará-UFPA, especificamente no Campus Universitário de Ananindeua-PA, inserida como disciplina História, Gênero e Sexualidade, preparando os discentes para uma formação privilegiada no desenvolvimento e produção de

³ Componente curricular História, Gênero e Sexualidade, carga horária 60h- 40h Teórica- 10h Prática- 10h extensão, Modulo Optativa.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

conhecimentos bases e conceituais que discutirá determinadas condutas e comportamentos geradores das diferenças, desigualdades de gênero, e a violência contra a mulher.

Com o objetivo de alcançar os discentes de história, e discentes dos demais cursos de licenciaturas, a Prof.^a Dr.^a Anna Maria Alves Linhares⁴ coordena no campus de Ananindeua (UFPA), o projeto de extensão “Lugar de mulher é onde ela quiser: gênero e ensino de História”, que tende na formação de alunas e alunos para o ensino de gênero na educação básica, avalia-se livros teóricos, contos, filmes, trabalhos acadêmicos, relatos de experiências e vivências, entre outros, discute-se a mulher nos seus espaços e sua invisibilidade nos diversos setores sociais, que permiti debates pertinentes a assuntos e problemáticas que circulam em torno das construções naturalizadas. E assim, proporciona conhecimentos a uma consciência de valores, direitos e equidade de gêneros.

Diante de muitos desafios e retrocessos de políticas públicas, que deveriam nos garantir direitos sobre a importância de um ensino igualitário, sem distinções de gênero e

sexualidade. A disciplina de história terá um grande papel de inserir aos meios de ensino, uma nova base transformadora, que busca a percepção crítica, o respeito as diversidades e a inclusão do aluno ao meio social. Implantação do ensino de história a nossa realidade, e a construir na sociedade uma consciência histórica, representativa e libertadora.

Alcançar o conhecimento do passado, numa compreensão do presente, reagindo nos discentes a consciência prática social, tornando-o um sujeito receptivo, reflexivo e assim emancipado, que estabelecerá novos olhares para temas transversais a disciplina de história, argumentando as ausências de debates sobre gênero e sexualidade, permitindo que entenda a construção social inferiorizada e de dominação a mulher, e perceba as violências que esta construção permitiu.

De acordo com dados de levantamento do G1⁵, cresce o número de mulheres vítimas de homicídios no Brasil, com um aumento de 16,5% em relação a 2016 considerados os crimes de feminicídio, conclui-se que a cada duas horas, uma mulher morre no Brasil, e este numero pode ser ainda maior, diante dos

⁴ Professora Adjunta de História da Universidade Federal do Pará (Campus Ananindeua). Atua na Graduação, Especialização em História Agrária e Ensino de História e no Mestrado Profissional no campus de Ananindeua, o Profhistória. Doutora em História Social da Amazônia, mestre em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia e graduada em Ciências Sociais.

⁵ Em parceria do portal com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

estados que ainda não contabilizam esses números como Roraima, Rondônia e Tocantins⁶.

Portanto para a realidade que o gênero feminino sofre, essa naturalização social de violências e mortes que diariamente vivem, há urgência da prática deste ensino de (des) construção de valores, respeito e igualdade. As mulheres, protagonizaram nas bases e lutas sociais, e permanecem buscando voz e espaço, mesmo encarando retrocessos como os vistos nas últimas eleições, enfrentando um candidato a presidência misógino, que desrespeita e inferioriza as lutas de gênero, assim como outras minorias, sob o discurso fascista.

Trata-se de mobilizações por discursos religiosos e setores conservadores que buscam justificar as desigualdade de gênero, suas dominações e as mais distintas violências enfrentadas pelas mulheres, associadas a falsas ideologias de moralidades e destruição da “família tradicional”, desta maneira, a luta por políticas públicas para a educação de gênero e sexualidade serão necessários para o campo de ensino, com exigências urgentes e efetivas no combate a violência feminina.

Não poderemos encarar a vitória do retrocesso como o enfraquecimento feminino,

a violência persiste na opressão na subordinação, ganhamos forças para lutar por igualdades, ocuparemos poderes políticos, as universidades, os campos de pesquisas e de trabalho e permaneceremos a alcançar voos ainda mais altos, seremos resistência deste governo, desta sociedade, contra o patriarcado queremos um país igualitário, a liberdade dos nossos corpos, das nossas escolhas, do nosso futuro, a luta vai resistir, e a história estará lá para contar.

Agradecimentos

Meus agradecimentos a Prof.^a Dr.^a Anna Maria Linhares, que com seu carinho, cuidado e profissionalismo, me encorajou e orientou nesta importante tarefa de construir este artigo para o ensino de gênero e sexualidade. Ao grupo de extensão “Lugar de mulher é onde ela quiser: gênero e ensino de História”, na qual me transforma a cada novo encontro, novos debates, ouvindo e socializando as problemáticas da sociedade, buscando sempre novas perspectivas para a igualdade entre mulheres e homens. A minha família Magnaldo, Iara, Naldo e Miro que diante das minhas ausências, entendem com amor e respeito a necessidade da minha busca pelos

⁶ Dados disponível: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/cresce-n-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-no-brasil-dados-de-feminicidio-sao-subnotificados.ghtml>



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

conhecimentos acadêmicos e consequentemente transformar as nossas vidas. A minha Irmã Dilaene que sempre me incentivou, acreditando que seria capaz, e que sonha junto comigo, os mais altos voos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. “A arte da sedução: Sexualidade feminina na colônia” In História das Mulheres no Brasil, Mary Del Priore (Org), Carla Bassanizi Pinsky (coord. de texto). Contexto, São Paulo, 2017, pp.45-77.

BARREIRO, Alex; MARTINS, Fernando Henrique. “Bases e fundamentos legais para a discussão de gênero e sexualidade em sala de aula”. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, V. 34, N. 68, P. 93-106, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. “Infância” IN *O Segundo Sexo: a experiência vivida*, volume 2ª Edição São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOCK, Ana Maria et al. *Psicologias*. São Paulo. Brasiliense. Cap. 1 A Psicologia ou as Psicologias. 1989.

BRASIL. Resolução CNE/CP 2/2017. Disponível: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/RESOLUCAOCNE>

[CP222DEDEZEMBRODE2017.pdf](#). Acesso em: novembro 2018.

CAIMI, Flávia Eloisa & MISTURA, Letícia. “O (não) lugar da mulher no livro didático de história: um estudo longitudinal sobre relações de gênero e livros escolares (1910-2010)” In *Aedos*, Porto Alegre, v. 7, n.16, p.229-246, Jul. 2015.

DOURADO, Luiz Fernando. “Diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial e continuada dos profissionais do Magistério da Educação Básica; Concepções e Desafios.” *Educ. Soc.*, Campinas. V. 36, nº 131, p. 229-324, abril/jun, 2015.

FERREIRA, Juliana Kummer Perinazzo; GRISOLIO, Lilian Marta. “Os feminismos e a ausência das mulheres nos livros didáticos de história”. *Estudos Interdisciplinares em Humanidades e Letras*. s/d.

PERROT, Michelle. “os silêncios do corpo da mulher” In *O corpo feminino em debate*. Maria Izilda Santos de Matos & Rachel Soihet (Orgs.), São Paulo, Editora UNESP, 2003.

RAGO, Margareth. “As mulheres na historiografia brasileira.” In *Cultura Histórica em Debate*. SILVA, Zélia Lopes (Org.). São Paulo: UNSP, 1995.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In *Gênero*



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

e História. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, Jul/dez. 1995, pp.71-99.

SILVA, João Carlos da. “O ensino de História no contexto da Legislação Educacional Brasileira”. *Inter Meio*, Campo Grande, MS, v.20, n.40, p. 81-96, Jul/dez, 2014.

STREY, Marlene Neves. “Psicologia Social Contemporânea: livro-texto”. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.